

A CLASSE DOS PRONOMES RELATIVOS: UMA DESCRIÇÃO

Eliana Magrini FOCHI*

RESUMO: Este trabalho descreve a classe dos Pronomes Relativos em Português, considerando o papel dos mesmos na organização sintático-semântica do texto. A descrição procura privilegiar aspectos semânticos e critérios desses pronomes como elementos de coesão na configuração textual.

UNITERMOS: Pronome relativo; organização sintático-semântica; recuperação semântica; coesão textual; anafórico; relator.

Ao tratarmos de pronomes relativos com alunos, temos percebido que encontram sérias dificuldades em empregar tais pronomes, seja em contextos dados, seja em (con)textos de sua própria elaboração.

Pelo enfoque que se dá ao ensino de Português em cursos técnicos¹, o problema do emprego do pronome é crucial, já que não se supõe que o aluno deva dominar a teoria gramatical até o ponto de, por exemplo, fazer metalinguagem ou compor formalizações rigorosas, “bastando” que o dado teórico de que dispõe lhe sirva à elaboração de um texto “correto” e “eficiente”, no contexto de sua produção e destinação. Como se percebe, não se espera do aluno uma competência em gramática que lhe enseje reflexão sobre a língua, mas uma instrumentalização do recurso à gramática, de modo a compor um sistema de recorrência, um repertório para uso – fácil – nas relações de comunicação pertinentes, em particular, ao exercício profissional.

Por um lado, é preciso ensinar gramática; por outro, é preciso instrumentalizar essa gramática para o uso, num registro formal, simplificando a descrição teórica, a classificação. Em pouco tempo, conclui o professor estar diante de uma tarefa muito espinhosa, que exige dele conhecimento do fato lingüístico em profundidade, aliado à

Departamento de Ensino Geral – Faculdade de Tecnologia de São Paulo – CEET Paula Souza – 01124 – São Paulo – SP.

* Doutoranda em Letras (Lingüística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – 14800 – Araraquara – SP.

habilidade em formular uma metalinguagem a um tempo competente e simplificada – sem ser redutora.

Todos sabemos que é muito comum os alunos conseguirem repetir, à exaustação, regras gramaticais (até bastante complexas em sua formulação), sem, no entanto, entenderem sua aplicação a qualquer contexto diferente daquele que serve de teste (artificial) à regra.

De forma analogicamente inversa, não é raro encontrar professores que pratiquem competentemente a norma culta, mas concebam e ventilem descrições imprecisas, errôneas até, de fatos lingüísticos, escolhendo demonstrá-lo em repertório quando não esdrúxulo, descontextualizado.

Pensando nas dificuldades com que nos deparamos ao ensinar o emprego dos pronomes relativos, optamos por esboçar, neste pequeno trabalho, uma descrição dessa classe gramatical. Nossa expectativa é que o exercício reflexivo, o esforço para descrever, o recurso às teorias lingüísticas possam dar-nos melhores condições de abordar esse tópico da gramática, no ofício de ensinar Português.

A esse respeito, vale a pena mencionar algumas idéias contidas no texto *Teorias lingüísticas, descrições de uma língua e ensino*, de Eddy Roulet (11): tratando de possíveis aplicações da lingüística ao ensino de línguas, o autor aborda concepções de aplicação seja de uma teoria, seja de um método ou de uma descrição lingüística; destacamos (a) a contribuição das teorias lingüísticas para *dotar o professor de língua de informações sobre estrutura e funcionamento do sistema da língua em questão* e (b) a idéia de que *pode o professor ter um melhor conhecimento das estruturas da língua que se propõe a ensinar e também melhorar a qualidade do conteúdo lingüístico de um curso, através da descrição da língua*. A afirmação de G. Helbig, citada por E. Roulet, resume exatamente o objetivo de “instrumentalização” dos conteúdos teóricos e descritivos da língua, instrumentalização que estamos buscando, em nome de uma qualificação do trabalho docente:

Isto ao menos parece hoje estar claro: teoria e descrição lingüísticas por si sós ainda não levam ao desenvolvimento de realizações práticas no ensino de línguas, mas constituem uma preliminar indispensável a um desenvolvimento ótimo e eficaz dessas realizações práticas.(11, p.73)

Acreditamos ser imprescindível mencionar, de forma resumida, o tratamento dado ao assunto *pronomes relativos* por algumas gramáticas do Português, de uso (por adoção ou por servirem de base) no ensino de 2º e 3º graus: *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*, de Domingos Paschoal Cegalla (6); *Moderna Gramática Portuguesa*, de Evanildo Bechara (2); *Revisão Gramatical*, de Cândido de Oliveira (10); *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, de Celso Cunha e Lindley Cintra (7); *Gramática em Lições*, de Francisco Platão Savioli (12).

São os pronomes relativos, segundo tais gramáticas: QUE, QUEM, O(A) QUAL/OS(AS) QUAIS, CUJO(A)(S), ONDE e QUANTO(S)(AS).

De modo geral, ao definirem o pronome relativo, nele destacam a característica *referencial*: assim é que o ponto de partida para a identificação do relativo será sua

capacidade de realizar uma recuperação de termo anteriormente citado. Tradicionalmente fala-se em *antecedente* para designar o termo a que o relativo *se refere*.

Por esse tratamento – com qual, aliás, algumas dessas gramáticas dão por completa sua definição de pronome relativo – nada há que diferencie esse pronome de outros, por exemplo, do “pronome pessoal de terceira pessoa”. Tanto em

(a) *Sua irmã, que* tanto ajudei, agora me apronta uma dessas!
como em

(b) Ajudei tanto *sua irmã* e agora ela me apronta uma dessas! estamos diante de itens de referência textual; em ambos os casos pode-se falar em item fórico (o pronome) e antecedente (a informação recuperada). Entretanto, no aspecto constitutivo da frase, em (b) há termos diferentes encarregados de provar a organização semântica (o anafórico *ela*) e a organização sintática (o coordenador *e*), enquanto em (a) um só termo (o relativo *que*) é capaz de dar provimento aos dois níveis de organização.

(Evidentemente, a escolha de uma ou outra forma de construção é, em última instância, uma escolha de organização de sentido, marcada pela posição do emissor diante da informação que dá: o foco da informação, em (a), é *irmã, seu comportamento*; em (b), o próprio *emissor*.)

Faz ressalva à duplicidade de atribuições do relativo (coesão textual mais nexos sintático) a gramática de Platão Savioli (12, p.252): o pronome relativo *projeta na oração posterior um elemento da oração anterior (o antecedente), estabelecendo relação sintática entre elas*.

O mesmo fazem Cunha e Cintra; dizem: *Os PRONOMES RELATIVOS assumem um duplo papel no período ao representarem um determinado antecedente e servirem de elo subordinadamente oração que iniciam*. (7, p.335)

Cuidando de dar abrigo também ao que possa ser excepcional, algumas das gramáticas examinadas sugerem a possibilidade da não ocorrência de um antecedente para o relativo, afirmando de princípio que tais pronomes se referem, *de regra geral ou normalmente*, a um antecedente.

Outra informa, em nota: *O pronome relativo sempre tem antecedente*. (É o caso da *Revisão Gramatical*, de Cândido de Oliveira (10, p.264). Indiretamente, Cegalla (6) está a dizer a mesma coisa quando, após exemplificar a classe dos pronomes indefinidos, observa que QUEM, pronome indefinido, não tem antecedente; seu exemplo “QUEM AVISA AMIGO É”, encontraria noutros gramáticos classificação diversa: pronome relativo indefinido (Bechara, 2; Cunha e Cintra, 7), seja sem antecedente, seja admitindo-se o apagamento do antecedente (fala-se em antecedente subentendido).

Contemplam, ainda, as descrições desses vários autores tratamento de questões como:

(a) *Natureza do antecedente*. Essa natureza pode definir-se por referência lexical ou por equivalência a classes gramaticais. Informa-se, por exemplo, que o antecedente do relativo pode ser substantivo, pronome, adjetivo, advérbio, oração; pode

ser, também, a palavra TUDO, TANTO etc. A definição da natureza do antecedente pode ser nocional, admitindo que *exprima, refira-se a, expresse* pessoas, coisas, coisas personificadas, possuidor, lugar ou *significação indefinida e proporcional* (caso de QUANTO (S) (AS) na gramática de Cegalla).

(b) *Relações no campo da recção*. Ao prescreverem que o pronome relativo QUEM sempre aparece precedido de preposição, as gramáticas estão abordando, de forma não explícita, contextos em que se emprega esse relativo, num arranjo estrutural que consigna verbo transitivo indireto + relacional + QUEM.

(c) *Funções sintáticas*. Ressalvados os pronomes CUJO (e flexões) e ONDE, que têm funções sintáticas definidas (respectivamente adjunto adnominal e adjunto adverbial), os demais podem distribuir-se pelas várias funções existentes. Distinguem-se, também, aqueles que funcionam como pronomes substantivo ou adjetivo (QUE, QUEM, O QUAL, num caso; CUJO, O QUAL, noutro caso).

(d) *Tonicidade e atonicidade*. Esse critério é usado para opor usos de QUE e O QUAL (comumente tidos como intercambiáveis nos vários contextos frasais).

Vencida a fragmentação, tem-se uma considerável investigação sobre o tema *pronome relativo* em gramáticas tradicionais; há até mesmo aquela que se estende, buscando contemplar tratamento mais abrangente, caso da *Nova Gramática do Português* (Cunha e Cintra), que, partindo da definição do relativo, aborda: formas variáveis e invariáveis, natureza do antecedente (definida por classe gramatical), função sintática (por exemplificação), pronome relativo sem antecedente e, finalmente, valores e empregos dos relativos.

O que pudemos concluir, ao cabo desta incursão pelas gramáticas em causa, é que existe nelas uma percepção do papel semântico do relativo, porém não tratada (ou apenas tangenciada). A abordagem do papel sintático do relativo tem primazia, mal se reconhecendo a função coesiva do mesmo.

O papel de uma gramática/lingüística textual para uma perspectiva de ensino que vise ao *emprego* de formas, parece-nos fundamental, já que pode privilegiar a combinatória, o sentido de coerência do conjunto de enunciados que se integram na unidade chamada texto. Fornecendo dados para apreciação do papel sintático dos relativos, a abordagem textual aborda uma consideração semântica desses pronomes, muitas vezes não pensada, por não se querer transitar pelo terreno do nocional (como se o nocional não fosse, em última análise, colado ao formal, como sua sombra).

Qualquer abordagem que pretendamos fazer dos pronomes relativos deve passar pela compreensão de seu papel coesivo dentro do texto; será este, tomado como espaço privilegiado de organização informativa, o objetivo final de qualquer nível de competência pleiteado no emprego da categoria gramatical dos relativos, em sua mecânica particular.

Assim, há que identificar nessa classe de pronomes uma função de fundamental importância no *processamento* do texto, porquanto, excedendo o nível de organização do enunciado, esse pronome promove conexões sintáticas e semânticas de ordem interacional².

Matoso Câmara Jr. anuncia uma consideração da classe dos relativos que destaca seu papel na composição do texto, ao reconhecer aos pronomes, de modo geral, o estatuto de *sinais*: pronomes *indicam em vez de nomear*; os relativos, além disso, prestam-se ao estabelecimento de uma relação de subordinação entre frases. Afirma o autor:

Com efeito, é comum estabelecer-se um paralelo entre as relações na frase e as referências espaciais da situação de que a frase trata; e ao elemento pronominal vemos prender-se assim, não raro, um caráter de morfena de relação. É o caso do PRONOME RELATIVO, que subordina uma frase a outra, conservando sua natureza pronominal de indefinido ou demonstrativo, com que se reporta a um nome anteriormente enunciado. (4, p. 156)

Segundo se depreende, o relativo será, por sua natureza de *sinai*, de indicador, um item de referência capaz de recuperar, reiterar uma informação no próprio texto; sinaliza um conteúdo que se repete. Assim, pondo-se como lugar de uma repetição de conteúdo, como item de remissão ao já dito, o pronome relativo classifica-se entre os anafóricos.

Em seu estudo *A natureza dos pronomes*, Benveniste (3, p.278 e ss.) afirma que esses constituem espécies diferentes, *segundo o modo de linguagem do qual são os signos*; separa, em seguida, esses signos da linguagem em duas espécies fundamentais:

1. De um lado, aqueles identificados pelas instâncias de discurso que os produzem (EU/TU), caso em que a linguagem inclui, *com os signos, aqueles que os empregam*; sua realidade de referência é, portanto, uma realidade discursiva. Também devendo sua existência a uma referenciação feita à própria instância do discurso que os produz, reconhecem-se termos delimitadores das instâncias espacial e temporal, coextensiva e contemporânea da instância de discurso *presente*, que contém *eu*. Benveniste fala, neste caso, em *signos vazios, não referenciais com relação à realidade, sempre disponíveis, e que se tornam plenos assim que um locutor os assume em cada instância de seu discurso*.

2. De outro, situam-se os pronomes da *não-pessoa*, modo de enunciação das instâncias de discurso que não remetem a si mesmas, mas podem conter uma referência objetiva. À categoria da não-pessoa atribui-se papel substitutivo de elementos materiais do enunciado. Benveniste menciona *função de representação sintática, que se estende assim a termos tomados às diferentes partes do discurso, e que corresponde a uma necessidade de economia*. Especifica o autor como distintiva da não-pessoa a propriedade de *se combinar com qualquer referência de objeto; de não ser jamais reflexiva da instância de discurso, de comportar um número às vezes bastante grande de variantes pronominais ou demonstrativas; de não ser compatível com o paradigma dos termos referenciais como aqui, agora etc*.

Modos da não-pessoa, os pronomes relativos marcam-se por uma dupla função na constituição do texto: de modo geral, pode-se dizer que, a um tempo, recuperam uma

informação enunciada por outro termo precedente e instituem, no nível do arranjo sintático, uma relação hipotática, introduzindo um termo subordinado, de natureza periférica ou nuclear e estatuto oracional³.

Reunindo funções de anafórico e relator, o pronome relativo tem seu papel sintático e sua determinação básica estabelecidos pelas relações que contrai com outros elementos do texto em que se insere.

Quanto à primeira função citada, a anafórica, realiza recuperações semânticas que entendemos serem ora *simples* ora *complexas*.

Há entre os relativos aqueles cujo significado se preenche pela remissão a um conteúdo precedente; é o caso de QUE e O(A) QUAL / OS(AS) QUAIS. Nesses é que se reconhece a recuperação simples; será sempre o dado semântico contido no contexto (anterior) que dará sentido pleno a tais relativos, nos enunciados em que aparecem.

Por recuperação semântica *complexa* entendemos aquela que se faz com o concurso de semas peculiares ao relativo, os quais se somam à informação recuperada, modulando-lhe o significado; QUEM, ONDE, CUJO e QUANTO atuam na recuperação semântica complexa.

No texto *O véu de Penélope, ou quem engana a quem*, de Monterroso (9, p. 17), pode-se observar o comportamento dos relativos do ponto de vista anteriormente exposto.

Faz muito tempo vivia na Grécia um homem chamado Ulisses (que ^[1] apesar de ser bastante sábio era muito astuto), casado com Penélope , mulher bela e singularmente dotada, cujo^[2] único defeito era sua exagerada mania de tecer, costume graças ao qual^[3] conseguia ficar sozinha longas temporadas. Diz a lenda que em cada ocasião em que ^[4] Ulisses com sua astúcia observava que apesar de suas proibições ela se dispunha a começar de novo um de seus intermináveis tecidos, podia-se vê-lo às noites preparando às escondidas as suas botas e uma boa barca, até que sem dizer nada ia percorrer o mundo em busca de si mesmo.

Dessa maneira ela conseguia mantê-lo afastado enquanto flertava com seus pretendentes, fazendo-os acreditar que tecia enquanto Ulisses viajava e não que Ulisses viajava enquanto ela tecia, como pode ter acreditado Homero, que^[5], como se sabe, às vezes dormia e não se apercebia de nada.

Exceto pela ocorrência [2], todas as demais trazem recuperações semânticas *simples*: o sentido retomado é tão somente aquele já enunciado; a modulação semântica de TEMPO contida em [4] já se encontra no contexto precedente (e recuperado).

Em [2], o sentido recuperado, *Penélope*, nada informa sobre POSSE, sobre SER POSSUIDOR DE; esse sema será introduzido pelo relativo CUJO, lendo-se em *cujo defeito era: o defeito de Penélope era*. O significado de *Penélope* (em si, uma nomeação, somente) surge aditado da noção de POSSUIDOR.

De forma análoga operam os relativos QUEM, ONDE e QUANDO, possuidores dos semas de HUMANO, LOCALIZAÇÃO⁴ e QUANTIFICAÇÃO, como se nota em

- [6] Busca apoio naquele em QUEM confia.
 [7] Pinta telas onde se estampa a miséria humana.
 [8] “Meu amor me ensinou a ser simples
 Como um largo de igreja
 Onde não há nem um sino
 Nem um lápis
 Nem uma sensualidade.”
 [9] “Minha terra tem palmares
 Onde gorjeia o mar.”
 [10] Comprei tantos livros quantos pude.
 [11] “Tenho tudo quanto quero:
 formicida, corda e flor”

Dentre todos, os relativos, QUANTO(S) (AS) é o único que deve fazer co-referência a um inventário fechado, qual seja, o dos pronomes indefinidos TUDO e TODO(A)(S). Os demais processam recuperação semântica de inventário aberto. Isso equivale a esclarecer a *natureza do antecedente* de QUE, QUEM, O(A) QUAL / OS(AS) QUAIS, CUJO e ONDE dentro do léxico, num campo nocional não determinado, não limitado. Com referência a QUEM, este relativo é marcado pelo sema HUMANO, o que indica para recuperações semânticas num inventário também marcado pelo mesmo sema. (Evidentemente, a expressividade, a linguagem afetiva podem alterar essa condição, fazendo o relativo QUEM recuperar antecedente não humano, mas humanizado pelo relativo.)

O uso consagra o aparecimento de alguns relativos em contextos onde não se encontra marca formal do antecedente. O apagamento do item referido em construções como

- [12] “Moro onde não mora ninguém.”
 [13] Não falo com quem me calunia.
 [14] “Saibam quantos este meu verso virem
 Que te amo
 Do amor maior
 Que possível for.”

não ocasiona perda da informação, mas revela um princípio de economia, o mesmo que acaba por possibilitar ao relativo portar semas do termo referido. O que permite o apagamento do antecedente não é, a rigor, uma operação (mental) recuperadora de um conteúdo veiculado por um termo não presente, mas o reconhecimento desse no próprio relativo e, por certo, nas relações semânticas tecidas no enunciado pelo conjunto de seus lexemas.

Nos períodos acima citados, ONDE, QUEM e QUANTOS portam, respectivamente, os semas LUGAR, HUMANO e QUANTIFICAÇÃO, os quais, em outras

construções, *reiteram-se* num antecedente. Em “Não falo com quem me calunia”, ao pronome compete informar a referência ao conteúdo de humano, generalizado; não se trata propriamente de equacionar às tradicionais expressões *aquele que, pessoa que, ninguém que* o contrário de QUEM: é o caso de ver na afirmação um sentido abrangente, veiculado por um termo cujo conteúdo básico pode prescindir da explicitação do antecedente. Justamente o apagamento é que confere caráter generalizante a enunciados como o citado em [13] e será o recurso presente nos ditos proverbiais, domínio por excelência do indeterminante, do generalizante, para contemplar o princípio ético em jogo:

[15] Quem com ferro fere com ferro será ferido.

[16] Quem tudo quer nada tem.

[17] Deus ajuda quem cedo madruga.

Há diferentes tratamentos dessa questão do chamado relativo sem antecedente em gramáticas do Português. Lê-se, na gramática de E. Bechara (2), [18] “Moro onde mais me agrada” como exemplo desse emprego do pronome. O autor observa que os relativos sem antecedente “também se dizem relativos indefinidos”. Tratando do *advérbio*, o mesmo autor cita [19] “a casa onde mora é excelente” como exemplo do que chama advérbio pronominal relativo (*serve de ligar a oração a que pertence a uma outra oração*). A considerar a função anafórica do relativo, em [19] “A casa onde mora é excelente”, ela se mostra com muito mais evidência do que em [18] “Moro onde mais me agrada”.

Em *Novas Lições de Análise Sintática*, Kury (8) classifica como procedimento *inaaceitável* desdobrar ONDE em *no lugar em que*, fazendo-se análise sintática do equivalente obtido. Seu exemplo: [17] “Onde me espetam, fico”; classifica-se *onde me espetam* como Subordinada Adverbial Locativa, introduzida pelo *advérbio* ONDE.

A imbricação dos aspectos semântico e sintático das construções é o que, de fato, está em jogo; cuidando de sempre separar um aspecto do outro (como se a separação não fosse, no fundo, um artifício), geram-se classificações derivadas de classificações, o mais das vezes tendo o nocional por princípio norteador (não explicitado).

O que confere a ONDE, em qualquer caso, o caráter pronominal será a natureza de sinal, aliada a sua própria configuração semântica; não fazendo referência material, de fato existe como lugar/ocasião de uma operação de equivalência semântica, realizável no discurso e por referência a ele.

Dizer [17] “Onde me espetam, fico” corresponde a uma operação em que não se identifica um local objetual, mas um local definido e construído no enunciado o *local* onde *fico* define-se por referência discursiva, por uma quase tautologia: *onde fico* = *onde me espetam*. O mesmo se nota em [12] “Moro onde não mora ninguém” (onde moro = onde ninguém mora) e em [15] “Moro onde mais me agrada” (onde moro = onde mais me agrada).

Nestes casos, a questão do apagamento do antecedente é mais propriamente uma forma de superação de seu conteúdo pelo relativo, que passa a desempenhar o papel semântico tomado do antecedente (dispensado, a partir daí).

O tratamento sintático deverá levar em conta essas particularidades semânticas do pronome relativo, não sem cuidar de encarecer a relação entre determinante e determinado existente nas construções em que haja esses pronomes.

A questão do *desdobramento* de um relativo sem antecedente acaba por gerar solução de caráter sintático, novamente não sendo tocado o fundo semântico. O desdobramento de QUEM (em AQUELE QUE/ O QUE), de ONDE (em LUGAR EM QUE), de QUANTO (S) (AS) (em TUDO, TODO (S) (AS), QUANTO (S) (AS)) vai possibilitar, à análise, os dois termos de que necessita para preenchimento de duas casas sintáticas, uma em cada oração. O apagamento de um desses termos gera o *vazio* sintático, que é preciso preencher; efetivamente, não há *vazio* semântico perceptível, tanto que a explicitação de um antecedente (mesmo que seja outro termo semanticamente por preencher, como de fato o é o demonstrativo AQUELE ou O...) surge, a explicitação, quando do exercício da análise sintática. Se do ponto de vista da sintaxe o desdobramento do relativo em *antecedente* + *relativo* cria uma solução satisfatória, do ponto de vista semântico explicita um artifício de redundância (não propriamente informativo e, por isso, dispensável), não pertinente, ao cabo, por colocar uma categoria de sentido *por preencher* como referente de outra categoria similar, de sentido *por preencher* pela anterior.

A observação de enunciados como os citados abaixo pode evidenciar essa remissão ao “vazio” semântico.

[20] Encontrei QUEM você aguardava
por

[20a] Encontrei AQUELE QUE / A PESSOA QUE você aguardava.

[21] Procuo a QUEM vender meus livros
por

[21a] Procuo AQUELE A QUEM / PESSOA A QUEM vender meus livros.

Os antecedentes AQUELE e PESSOA são meras referências sintáticas para o relativo; do ponto de vista informativo, dizem tanto (ou nada) quanto diz o próprio relativo: o sema de humano está presente em QUEM, sendo desnecessário reiterá-lo num antecedente (PESSOA).

O mesmo percebemos em

[22] Voltou do Vietnã ainda querendo matar homens, mulheres, crianças. De rifle na mão, entrou num supermercado e atirou em QUANTOS viu pela frente.

Aí, a explicitação de TANTOS apenas faria ratificar o sema de QUANTIFICAÇÃO já expresso por QUANTOS. O percurso endofórico de QUANTOS, na verdade, aponta para HOMENS, MULHERES, CRIANÇAS, seu antecedente de fato.

Há um outro aspecto a considerar, no âmbito das relações do pronome relativo com o item referido/substituído, o qual diz respeito a um certo nesse princípio seletivo, evidentemente posto em ação na constituição do texto. Atuam, nesse princípio, questões da ordem da espacialidade e da entonação, definidoras da escolha, especialmente, de O(A) QUAL, OS (AS) QUAIS (em lugar de QUE, QUEM).

O problema da espacialidade deságua, ao cabo, na necessidade de resguardar a informação da possibilidade de uma referência semântica falsa, possibilidade essa originada pela proximidade, na cadeia do enunciado, entre o relativo e uma expressão não nuclear que se lhe avizinha. A exigência de um traço distintivo para uma remissão não imediata – no espaço – cumpre-se pela flexão de O(A) QUAL / OS(AS) QUAIS. Sua natureza tônica (princípio seletivo da ordem da entonação) reitera a particularidade do movimento de remissão a um conteúdo *a destacar*, no enunciado, com a quebra de automatismo no movimento de retrocesso ao “mais próximo”, ou, mais provavelmente, com a *geração* de um movimento de retrocesso, não executado em virtude do automatismo.

A escolha da forma tônica reforçaria o sentido de estarmos usando um *anafórico*, não um termo cuja função e sentido se dilúsem no enunciado (até por desempenhar papéis diferentes, como é o caso do QUE). Esta hipótese explicaria a tendência (bastante difundida, até) ao uso de O(A) QUAL / OS(AS) QUAIS em contextos que estariam a recomendar formas átonas. Exemplificam tal tendência construções como “Reconheci o homem o qual roubou minha carteira”, “Tenho problemas os quais me atormentam”.

Cabe lembrar que O(A) QUAL / OS(AS) QUAIS são, por virtude de sua tonicidade, sentidos como formas relativas por excelência, sendo usados (mesmo nas gramáticas escolares) como termos de *equivalência*, na identificação de outros relativos. São eles que identificam pronomes relativos em QUE, em ONDE (por lugar NO QUAL), em cujo (por DO QUAL).

O princípio seletivo da ordem da entonação tem implicações também no terreno do arranjo sintático dos relativos, particularmente na combinação com preposições.

Assim é que contextos constituídos por formas preposicionais átonas ou tônicas serão critério para seleção dos relativos QUE e O (A) QUAL / OS(AS) QUAIS, respectivamente forma átona e forma tônica. Certamente, o que cria a prescrição é uma (sempre escorregadia) noção do que seja *eufônico*; no caso, mais do que buscar a distinção pela classificação das preposições em essenciais, vale falar em combinatória por arranjo sonoro, sendo mais frequentes combinatórias do tipo [preposição monossilábica + QUE] e [preposição não-monossilábica ou locução prepositiva + O(A) QUAL / OS(AS) QUAIS].

Será um princípio dessa mesma ordem que prescreverá a ocorrência de QUEM (com antecedente manifesto) em estruturadas [SN ou SV + PREP. + RELATIVO com antecedente HUMANO]. São exemplos:

[23]Foi interrogado pelo delegado, a QUEM acabou revelando seus planos.

[24]Foi interrogado pelo delegado, QUE acabou por enganar, com um álibi sofisticado.

A segunda (mas não secundária) função do pronome relativo é, como mencionamos, a de instituir, no nível do arranjo sintático, uma relação hipotática. Será seu *caráter de morfema de relação*, de que fala Matoso Câmara Jr. (4), o traço que confere

ao pronome relativo o papel de introdutor de uma oração de natureza indeterminante em relação a outra, determinada, portanto. Isso equivale a restringir sua ação ao exercício constituinte da subordinação, da hipotaxe.

A rigor, a primeira relação (a de nível semântico) existente entre o antecedente e o anafórico mostra-se, também, uma relação de ordem sintática; a retomada do conteúdo do antecedente é o ponto de partida para a constituição de um novo sintagma oracional:

[24] Locutor 1: – Maria Cristina Poli, para o SP-TV.

Locutor 2: – Que voltará depois dos comerciais

Nas ocorrências acima, evidenciam-se as relações entre o anafórico/relator e o antecedente: recebendo do antecedente a determinação semântica (\rightarrow), o relativo marca a determinação sintática (\Rightarrow) daquele (agora, a condição de determinado do antecedente), introduzindo o sintagma oracional determinante.

Cumprе enfatizar, nesta etapa da descrição, que a relação sintática é percebida em vantagem, se compara à relação semântica (anafórica). Esta afirmação baseia-se na apreciação de contextos de ocorrência de pronomes relativos em redações escolares, particularmente. Na maioria dos casos onde se registram *erros* de emprego, não é escolhido o relativo prescrito para a recuperação semântica em jogo, mas *há* um relativo respondendo pela relação sintática. Talvez ele seja percebido como outro conectivo (dentre tantos de que dispõe a língua), como operador de nexos – mas de um nexo que é sintático, não semântico. (A esse propósito, vejam-se os enunciados comentados na Nota 3.)

(Numa abordagem que pleiteasse também o aspecto metodológico, seria necessário lidar com a rede sintático-semântica de textos, de modo a evidenciar, nas relações substitutivas (nível do conteúdo informativo) e construtivas (nível do arranjo sintático), o trabalho de um único termo. As etapas para esse tipo de abordagem envolveriam (a) identificação de todos os conteúdos reiterados/recuperados no texto; (b) escrita *regressiva* incidindo sobre a hipotaxe, em particular, substituindo-a por mera justaposição; (c) outra fase de escrita *regressiva*, incidindo sobre o relativo, substituindo-o pelo próprio termo que expressa o conteúdo do antecedente. Como metodologia, a seqüência inversa também possibilitaria esclarecer o mecanismo sintático-semântico em jogo.)

Ao operar uma conexão também em nível sintático, o relativo, diferentemente dos outros conectores (conjunções, em particular), assume papel sintático na oração subordinada, naquela que ele inicia, portanto. À função interoracional soma-se a função intra-oracional do pronome, ligada ainda, a sua capacidade inicial, vale dizer, a sua capacidade de “significar” um conteúdo pertinente às suas duas orações em jogo. Assim é que ao conteúdo informativo retomado pelo relativo cabe um papel sintático no núcleo informacional gerado por subordinação.

No tratamento tradicional do assunto, o pronome pode desempenhar, no arranjo sintático, papéis de*

sujeito: [25] Ficarei feliz quando prenderem o safado
que roubou meu paletó.

complemento nominal: [26] Pus nisso todo empenho
de que era capaz.

predicativo: [27] Ela o transformou no bêbedo
que hoje ele é.

objeto direto: [28] Acho que tudo é suficiente.
que vi

objeto indireto: [29] O pacote acabou de chegar.
a que você se referiu

adjunto adnominal: [30] Conheci o professor
em cuja cartilha aprendi as letras.

agente da passiva: [31] Fugia da namorada.
por quem já fora maltratado.

adjunto adverbial: [32] Pretendo comprar a casa
onde moro.

Quanto ao estatuto sintático dos relativos, observa-se que

(a) ocupa invariavelmente função gramatical periférica o relativo CUJO, sempre MODIFICADOR, determinante de termo da oração que ele próprio indica; flexiona-se, em gênero e número, em acordo com o termo que determina; opera sempre com antecedente expresso.

(b) ONDE aparece sempre como ADJUNTO, marcando LOCALIZAÇÃO e podendo usar-se sem antecedente.

(c) QUE, QUEM e O QUAL só ocupam função gramatical de MODIFICADOR (determinante) se precedidos de preposição DE em construções marcadas pelo sema de POSSE como

* As setas indicam os movimentos de determinação semântica (do antecedente ao relativo) e sintática (da oração determinante à determinação). Não sinalizam o papel sintático do relativo

A ocorrência de orações relativas com função de ADJUNTO é marcada pelo uso do pronome relativo sem antecedentes; chamam-se tais orações Subordinadas Adverbiais Locativas (e não encontram abrigo na N.G.B.):

ADJUNTO

[40] Ficaré (adjunto adverbial)

onde o pusermos.

ADJUNTO

[17] (adjunto adverbial) fico.

Onde me espetam.

Por fim, as orações relativas que exercem funções NUCLEARES ocorrem principalmente sem antecedente. A solução sintática para o apagamento do antecedente não será a explicitação do antecedente pelo recurso ao *desdobramento*, razão por que (ao arrepio da N.G.B.) serão admitidas orações Subordinadas Substantivas de natureza relativa:

NUCLEAR

[41] (Sujeito) não me quer.

Quem eu quero

NUCLEAR

[42] Repreendeu (objeto direto)

quantos estavam na sala.

NUCLEAR

[43] Isto foi feito (agente da passiva)

por quem sabe das coisas.

A compreensão do papel semântico dos morfemas relativos deverá ser a via de acesso tanto à compreensão de seu papel sintático quanto – principalmente – à precisão no emprego. A exata seleção do pronome relativo estará no reconhecimento de seu significado, preenchido no enunciado pelo antecedente ou comportado na própria configuração semântica do relativo.

Concluindo esta investigação, apresentamos quadro, elaborado a partir dos pontos de vista expostos no trabalho, contendo o tratamento das relações semânticas e sintáticas dos PRONOMES RELATIVOS.

ASPECTO	SEMÂNTICO				SINTÁTICO									
	DESCRÇÃO	ANTECEDENTE	RECUPERAÇÃO SEMÂNTICA			CRITÉRIO SELETIVO	PAPEL DO RELATIVO NA ORAÇÃO SUBORD.		PAPEL DA ORAÇÃO RELATIVA					
RELATIVOS			SIMPLES	COMPLEXA	SEMAS PRÓPRIOS	SEMAS ADQUIRIDOS [PRESENÇA INSTRUMENTAL]	POSSIBILIDADE DE PAGAMENTO DO ANTECEDENTE	COMBINATÓRIA	ESPAÇAL-DADE (EM RELAÇÃO ANTECEDENTE)	ENTONAÇÃO	NUCLEAR	PERIFÉRICO	COM ANTE-CEDENTE	SEM ANTE-CEDENTE
QUE	não determinado não marcado não marcado	+	-	-	-	POSSE (prep. DE) LOCALIZAÇÃO (prep. EM)	-	-	PRÓXIMO	proposição monossilábica	sujeito obj. dir. ind. compl. nominal predicat.	localização: (ADJ.) posse: (MODIF.)	PERIF. (MODIF.) O. SUB. ADJETIVA	
QUEM	não determinado marcado: <i>essa, seu, mesmo</i>	-	+	-	HUMANO	POSSE (prep. DE)	+	COM ANTE-CEDENTE PREPOSIÇÃO	PRÓXIMO	seleção não marcada	sem ant.: sujeito obj. dir. ind. compl. nominal	com ant.: (MODIF.) ADJUNTO ADNOMINAL	PERIF. (MODIF.) O. SUB. ADJETIVA	NUCLEAR SUBSTANTIVA
O (A) QUAL OS (AS) QUAIS	não determinado não marcado	+	-	-	-	POSSE (prep. DE) LOCALIZAÇÃO (prep. EM)	-	-	DISTAN- CIADO	proposição não monossilábica	sujeito obj. dir. ind. compl. nominal predicat. ag. passiva	localização: (ADJ.) posse: (MODIF.)	PERIF. (MODIF.) O. SUB. ADJETIVA	
CUJOS(S) CUJAS(S)	não determinado não marcado	-	+	-	POSSE	-	-	-	PRÓXIMO	seleção não marcada	seleção não marcada	(MODIF.) ADJUNTO ADNOMINAL	PERIF. (MODIF.) O. SUB. ADJETIVA	
ONDE	não determinado comparável com locativo	-	+	-	LOCALIZAÇÃO	-	+	-	PRÓXIMO	seleção não marcada	seleção não marcada	(ADJ.) ADJUNTO ADVERBIAL	PERIF. (MODIF.) O. SUB. ADJETIVA	PERIF. (ADJ.) O. SUB. ADVERBIAL
QUANTOS) QUANTAS	TUDO (TODOS) TODAS	-	+	-	QUANTIFICAÇÃO	-	+	-	PRÓXIMO	seleção não marcada	sujeito obj. dir. ind. ag. passiva compl. nominal	(ADJ.) ADJUNTO ADVERBIAL	PERIF. (MODIF.) O. SUB. ADJETIVA	NUCLEAR O. SUB. SUBSTANTIVA

NOTAS

1. Os alunos desses cursos provêm do 2º grau, ingressam, via vestibular, em cursos superiores de Tecnologia (áreas de Mecânica, Construção Civil e Processamento de Dados) e cursam Português no semestre de ingresso. A disciplina dispõe de 54 a 72 horas-aula para a ministração de conteúdos de gramática e de redação técnica. A gramática que se ensina não pretende aprofundar conhecimentos adquiridos nos graus anteriores, mas reforça alguns, tidos como compatíveis e indispensáveis à produção/recepção de informações no campo da técnica.

Trata-se, principalmente da língua escrita, muito embora haja parte do programa voltada à elocução. Partindo sempre de assuntos e vocabulário pertinentes à área do curso, buscam-se fixar padrões de comportamento verbal desejáveis no discurso científico. Destacam-se as redações de pareceres, memorandos, relatórios, descrições técnicas.

Não há abordagem do discurso literário, tampouco do registro coloquial. De certa forma, reconhece-se nesse enfoque do ensino de língua portuguesa o mesmo objetivo de que fala Eddy Roulet (15, p. 81): *O principal objetivo do ensino de línguas modernas é permitir ao indivíduo comunicar-se com outros nas diversas situações pessoais e profissionais da vida cotidiana.*

2. Não será impertinente lembrarmos, aqui, um tipo de composição poético-musical que tem no princípio coesivo (do relativo) um elemento constitutivo privilegiado e da maior importância para forjar-se o nível informacional. Falamos da embolada, cuja seqüência nasce do exercício de retomada do *que-se-disse* para garantir o *que-se-vai-dizer*. Não é outro o princípio de constituição da *Quadrilha* de C. Drummond de Andrade, essa enredada teia de amantes e amados, sempre boa de, lembrar:

*João amava Teresa que amava Raimundo
que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili
que não amava ninguém. (...) (1, p. 19)*

Presidindo também a organização sintático-semântica dessa exemplar espiral construção em abismo, está o relativo:

Era uma vez uma Barata chamada Gregor Samsa que sonhava que era um escritor que escrevia sobre um empregado chamado Gregor Samsa que sonhava que era uma Barata. (Monterroso, 12, p. 41)

3. Certamente será a não percepção dessa dupla função desempenhada, em simultaneidade, pelo relativo o que explica construções como

(a) *um artigo cujo este me chamou a atenção*

(b) *estava diante de um disco voador o qual havia dormido sobre ele*

(c) *está aqui o escritor de quem recomendamos sua obra aos alunos.*

À exceção (em parte) da construção (a), a solução encontrada privilegia conectores agindo num texto *suposto* qualquer, realizando-se uma conexão interfrasal, a partir desse mesmo texto suposto. Daí serem viáveis soluções semanticamente diversas. A desvinculação dos dois sintagmas oracionais justapostos de um universo sintático-semântico continente gerou ocorrências sintaticamente inesperadas, porém semanti-

camente previsíveis. Também na construção por parataxe, a possibilidade de perda de informação foi evitada pelo uso de outros anafóricos; é o caso de *o* – em (c) e de *ele* – em (d). Em (b), a recuperação de informação é dispensada (ficando, talvez, por conta do *implícito no contexto*, de um texto suposto) e em (a) *falha* a escolha do pronome, já que um outro constituinte semântico (próprio do relativo, não da informação recuperada) não é reconhecido.

4. A forte carga semântica de *onde*, expressando *localização* explicaria a seleção desse relativo em construções como: *Existe um país onde sua capital foi povoada por franceses* e *Ao seu lado encontra-se sentada uma criança onde suas vestes são aparentemente sujas*; essa escolha semântica parece harmoniosa por ecoar em lemas marcados pelo sema de *localização*, caso de *país* e *ao seu lado*. O que dizer da redundância levada ao exagero em *no local onde elas se localizam*? Mas não se sente como redundante *Ponha tudo, de novo, no lugar onde encontrou*.

FOCCHI, E. M. La classe des pronoms relatifs: description. *Alfa*, São Paulo, v. 35, 105–122, 1991.

RÉSUMÉ: On s'occupe dans cet article de la classe des pronoms relatifs en portugais, ayant égard en même temps à son rôle dans l'organisation syntatico-sémantique du texte. La description cherche à mettre en relief des aspects sémantiques et des critères d'emploi de ces pronoms en tant que des éléments de la cohésion textuelle.

UNITERMES: Pronom relatif; organisation syntatico-sémantique; récupération sémantique; cohésion textuelle; anaphorique; connectifs.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ANDRADE, C. D. *Reunião: 10 livros de poesia*. 6. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.
2. BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 14. ed. São Paulo: Nacional, 1968.
3. BENVENISTE, E. *problemas de lingüística geral*. São Paulo: Nacional/USP, 1976.
4. CÂMARA Jr., J. M. *Princípios de lingüística geral*. 4. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1970.
5. CARONE, F. B. *Morfossintaxe*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1988.
6. CEGALLA, D. P. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 10. ed. São Paulo: Nacional, 1969.
7. CUNHA, C., CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
8. KURY, A. G. *Novas lições de análise sintática*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1987.
9. MONTERROSO, A. *A ovelha negra e outras fábulas*. Rio de Janeiro: Record, 1983.
10. OLIVEIRA, C. *Revisão gramatical*. 11. ed. São Paulo: Biblos, s/d.
11. ROULET, E. *Teorias lingüísticas, gramáticas e ensino de línguas*. São Paulo: Pioneira, 1978.
12. SAVIOLI, F. P. *Gramática em lições*. São Paulo: Ática, 1980.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- FÁVERO, L. L., KOCH, I. G. V. *Linguística textual: introdução*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1988.
- LIMA, A. D. Oração adjetiva: conceito e ensino. In: *Estudos de filologia linguística*. São Paulo: T. A. Queiroz/USP, 1981.
- MATEUS, M. H. M. et al. *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Almedina. 1983.
- NEVES, M. H. M. Propositura de bases para a análise; Classes de palavras gramaticais vistas por sua função no texto: alguns pronomes e os coordenadores. (Mimeogr.).